

**VESTINDO A LUZ E AS TREVAS:
ANÁLISE DO FIGURINO NA CONSTRUÇÃO DOS
PERSONAGENS MARIA E ASMÓDEU DA MINISSÉRIE HOJE É
DIA DE MARIA**

Wearing the Light and the Darkness: Costume Analysis in the Construction of the Characters Maria and Asmodeus at the Miniseries Today is Day of Maria

Almeida, Laila Gabriela de Sousa. Universidade Federal do Piauí.
lailagabriela@hotmail.com¹

Viana, Núbia de Andrade. Me. Universidade Federal do Piauí.
nubia.and@gmail.com²

Resumo:

O artigo evidencia o figurino da minissérie *Hoje é Dia de Maria*, nas figuras da protagonista Maria e do antagonista Asmodeu. Os personagens representam o bem e o mal. O objetivo é compreender se a representação desta dicotomia ressignifica a filosofia maniqueísta do romance-folhetim do século XIX e analisar as referências iconográficas e iconológicas do figurino.

Palavras Chave: Cultura. Moda. Teledramaturgia. Figurino. Representação.

Abstract:

The article highlights the costumes miniseries Today is Day of Maria, in the figures of Maria, protagonist and Asmodeu, antagonist. The characters represent good and evil. The goal is to understand the representation of this dichotomy reframe the philosophy of Manichean romance-serial of XIX century and analyze the iconographic references and iconological the costumes.

Keywords: Culture. Fashion . Television drama . Costume Design. Representation.

Introdução

No universo da teledramaturgia brasileira, as minisséries se destacam por possuírem, em sua maioria, narrativas mais elaboradas e sofisticadas.

¹Graduada em Moda, Design e Estilismo pela Universidade Federal do Piauí

²Professora do Curso de Moda, Design e Estilismo da Universidade Federal do Piauí.
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí.

Uma das obras que mais marcou a história da televisão brasileira foi *Hoje é Dia de Maria*, de Luiz Fernando Carvalho, na Rede Globo de Televisão.

Analisa-se aqui, como o figurino representa o bem e o mal, procurando compreender como a representação maniqueísta dos antigos folhetins franceses inspiradores das telenovelas foi ressignificada na minissérie, através do figurino. O objetivo principal da pesquisa é descrever e comparar a construção do figurino da protagonista Maria (Carolina Oliveira) e do antagonista Asmodeu (Stênio Garcia) dentro da 1ª Jornada desta minissérie, personagens estes, presentes em eixos opostos, evidenciando a importância do figurino como método representativo, verificando as referências utilizadas nas representação do bem e do mal dentro do universo cultural nordestino.

A metodologia parte de uma abordagem qualitativa e utiliza-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, fundamentada em livros, artigos e teses, de forma a complementar a pesquisa com deduções e argumentos sensíveis dos autores como: Leite e Guerra (2002); Ortiz, Borelli e Ramos (1991); Conceição (2006); entre outros. Seguindo a abordagem de Panofsky (1976), analisando a iconografia e iconologia presentes na caracterização do figurino.

1 Dos papéis à televisão

Segundo Ortiz, Borelli e Ramos (1991), o romance-folhetim é uma forma narrativa literária seriada de caráter ficcional, que pode ser vista como o equivalente do teatro na literatura, presente nas folhas de jornais da França do século XIX. Salazar (2008) destaca que as narrativas abordavam temas como casamento, amores proibidos, aborto, prostituição, conflitos entre pobres e ricos, histórias de detetive, romances históricos e a clássica eterna batalha entre o bem e o mal.

Os romances-folhetins são baseados no melodrama, segundo Silva (2005, p. 48) “As apropriações feitas pelo folhetim em relação ao melodrama são inúmeras: enredo, personagens, linguagem, ambientação. Nele também, a luta entre o Bem e o Mal calca-se em três personagens básicos: o herói, a heroína e o vilão.” O que aponta o espaço para a filosofia maniqueísta. Yen (2006, p. 26) afirma que “o maniqueísmo é uma doutrina filosófica e religiosa

que divide a realidade em dois princípios opostos, ou dualidades, que se expressam de diferentes maneiras.”

Para Ortiz, Borelli e Ramos (1991) a telenovela brasileira é uma linguagem que foi influenciada pelas *soap operas* dos Estados Unidos, criadas na década de 1930 e pelas radionovelas cubanas da década de 1940. Ortiz, Borelli e Ramos (1991) ressaltam que as narrativas das telenovelas, inicialmente, eram fundadas numa estrutura maniqueísta, onde o bem e o mal se opunham.

Na telenovela, para construir um figurino, é necessário entender o sistema representativo de produção de identidades e significados. De acordo com Leite e Guerra (2002), a função do figurinista nestes casos é, a partir destes estereótipos, criar algo novo e original, levando em conta também a natureza da narrativa. Ramos (2006, pg. 1) acrescenta que “personagens representam pessoas reais, cujas identidades são também representadas pela aparência”, portanto, a aparência de um personagem é representação de uma representação.

Com isto, conclui-se que a representação de personagens através do figurino e a caracterização nas narrativas acaba por gerar e reafirmar conceitos, opiniões e estereótipos sobre determinados personagens ou grupos sociais.

2 O sertão lúdico e a mitologia nordestina

Baseada na obra de 1995 do dramaturgo Carlos Alberto Soffredini, foi adaptada por Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, com a direção geral de Luiz Fernando Carvalho. Dividida em duas “jornadas”, de oito e cinco episódios respectivamente, chegou a ser indicada a dois prêmios *Emmy Internacional*: um de “Melhor Performance de uma Atriz” (Carolina Oliveira) e outro de “Melhor Filmes TV/minissérie”.

A história da minissérie conta a vida de Maria, uma órfã que, ao incentivar seu Pai (Osmar Prado) a se casar com sua Madrasta (Fernanda Montenegro), acaba por encontrar uma vida de sofrimento e tristeza. Devido a isto, ela resolve fugir de casa em busca das “franjas do mar”, um lugar bem distante aonde Maria vê a esperança de uma vida melhor. Durante sua

jornada, ela se depara com vários personagens curiosos, dentre eles Asmodeu, o antagonista da trama, que, movido pela vingança, objetiva ter a sombra de Maria para si, chegando até a lhe roubar a infância.

De acordo com Mafaldo Junior (2012), a partir da década de 40, o cinema e o teatro brasileiro começaram a se focar no Nordeste, incorporando características do teatro de bonecos para criar narrativas contrastantes que abordavam a seca, o cangaço, a escravidão, a forte religiosidade e as ricas lendas e mitos populares. A história de *Hoje é Dia de Maria* possui fortes influências no sertão nordestino, revisitando e renovando este cenário, criando um contraste entre as terras secas do agreste e o destino almejado por Maria: o mar.

Segundo Albuquerque Júnior (2013), o sertanejo que habita as mentes dos brasileiros foi construído no começo do século XX como uma maneira de preservar uma cultura nacional, frente às inovações tecnológicas e industriais que haviam chegado ao país, inundando as ruas com elementos forasteiros. Esta divisão cria também um sentimento de nostalgia por parte dos moradores das metrópoles, quando, ao olhar para estes personagens, sentem uma saudade de uma ordem social que já não há mais.

Há semelhanças entre a construção do universo desta minissérie com obras do Movimento Armorial, como *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. De acordo com Brittos e Simões (2007), outra questão forte na cultura nordestina é a dualidade. Na minissérie, várias antíteses podem ser observadas, como: céu e inferno (Nossa Senhora e Asmodeu), amor e ódio (Amado e Quirino), água e fogo (mar e sertão), criança e adulto (as duas fases de Maria), etc.

3. Caracterização e Figurino

Esta pesquisa se baseia numa abordagem qualitativa, partindo de uma pesquisa exploratória bibliográfica, que visa analisar um fenômeno específico: A representação do bem e do mal nas figuras de Maria e Asmodeu. Para a análise das representações dos figurinos e caracterização dos personagens escolhidos trabalhamos com o método de Irwing Panofsky (1976), no qual apresenta dois principais nichos a serem analisados:

Iconográfico e Iconológico. A Iconografia, segundo Panofsky (1976), trata do tema ou mensagem das obras, já a Iconologia, é a interpretação dos símbolos ou ícones da representação visual de acordo com o contexto cultural e histórico do objeto. Apesar de ser um método destinado à análise de pinturas, vemos em Conti (2013) que uma minissérie nada mais é do que uma série de imagens congeladas, como vários quadros em movimento.

O figurino da minissérie é de autoria de Luciana Buarque, com participação do estilista Jun Nakao.

3.1 Asmodeu: O Sete Peles e a representação do mal

Em 1707, Alain-René Lesage criou o que viria a ser a primeira novela impressa no Brasil: *O Diabo Coxo*. Segundo Vidal e Marques (2006), esta, narrava a história de Asmodeu, o diabo coxo, traz a tona o personagem desse demônio que, com o passar dos anos, acabou por adentrar o fantástico universo de *Hoje é Dia de Maria*.

Um dos sete príncipes do inferno e responsável pela luxúria, seu nome tem origens hebraicas e significa “aquele que faz perecer” (anjo destruidor em *II Samuel 24:16, Sabedoria 18: 25, Apocalipse 9:11*). Segundo Alba (2009), este está presente no *Testamento de Salomão* e no *Livro de Tobias*, onde se caracteriza como inimigo da união conjugal, fato que permanece em seu personagem na minissérie. Em *Hoje é Dia de Maria*, Asmodeu possui disfarces e se autodenomina Sete Peles:

Asmodeu original: na aparência original de Asmodeu, interpretada por Stênio Garcia, temos um homem com pele avermelhada, pernas de bode, cabelo desgrenhado, barba e bigode pontudos e pequenos chifres. Este possui um andar manco, arcado e constantemente anda pulando. Barros e Lima (2011) afirmam que essa imagem do Diabo foi construída como um mecanismo repressor utilizado pelo cristianismo e é resultado da união de várias outras entidades malignas de outras crenças e religiões.

Vidal e Marques (2006) relatam que a aparência híbrida de Asmodeu Original assimila-se a outras divindades. O parentesco com o bode, que pode ser visto também em Pã, deve-se ao fato deste ter sido utilizado no Novo

Testamento como símbolo do mal por causar destruição nos campos e colheitas e por ter mau cheiro.

Asmodeu Bonito: O primeiro disfarce de Asmodeu que vemos é o Bonito, interpretado por João Sabiá. Neste, vê-se um homem jovem, com barba e bigode. Em seu figurino temos uma calça preta colada de cóis alto com um cinturão dourado, botas de cano alto, uma jaqueta vermelha com ombreiras cheia de bordados e franjas banhados a ouro que remetem aos trajes utilizados pelos toureiros.

Segundo a cultura popular, antes de cair do céu e ficar coxo, o Diabo era um anjo, que são conhecidos por sua beleza. Segundo Almeida (2010), existem duas principais representações para o arquétipo do Diabo: uma é a de tentador, a outra de monstro. Bonito representaria o Diabo tentador, o que explica sua beleza e atitude galanteadora. Esta representação viria do fato da ideia religiosa de pecado e prazer, onde o belo jovem roubava o coração (e, às vezes, a sombra) de todas as pessoas que o viam (incluindo a Madrasta de Maria).

Asmodeu Sátiro: se apresenta como um homem de meia idade, interpretado por Ricardo Blat. Seu figurino consiste de um chapéu preto gasto e empoeirado, duas camisas (uma clara com uma escura por cima), sapatos sem meias, colete, calça e suspensórios negros. Por baixo da barra de sua calça é possível notar rendas, que possivelmente são advindas de uma roupa íntima como uma ceroula. Exibe os chifres, cabelo desgrenhado, bigode e barba. Este também possui o andar diferenciado, sacudindo o pé a cada passo que dá.

Conti (2013) ressalta que Sátiro possui um linguajar sertanejo, que reafirma sua imagem estereotipada de pobre e facilita o desenvolvimento de sua falsa amizade com o pai de Maria. Este se utiliza de rimas e fala mansa para enganar o Pai, mas acaba falhando ao ser invocado numa encruzilhada por Maria. Essas características também remetem à cultura nordestina em aproximação com a construção identitária voltando à questão da familiaridade que ele sugere.

Asmodeu Brincante: é o mais excêntrico de todos, interpretado por Antônio Edson, com seus cabelos exageradamente desgrenhados, bigode, óculos escuros e chapéu preto com detalhes dourados. Sua calça vermelha

com bordados dourados assemelha-se à jaqueta de Asmodeu Bonito, já seu terno é azul claro, com flores e pedrarias bordadas.

Aparece dançando o Fandango ao redor de uma fogueira com uma boneca. Segundo Conceição (2006), este utiliza do alegre colorido e da dança para tentar seduzir Maria, fazendo uma releitura do Diabo representado pela tentação para um mundo infantil e lúdico.

Asmodeu Mágico: interpretado por André Valli, apresenta uma enorme cartola e capa preta. Usando um calçado com salto médio, calça listrada colorida, uma jaqueta vermelha adornada com bordados dourados, camisa com babados nas mangas e rufo.

Segundo Conti (2013), esta “pele” de Asmodeu faz referência direta com a magia, que era tida pelo cristianismo como algo diabólico, por estar relacionada ao misticismo e a magia. Com isto, percebe-se que a magia simboliza, neste contexto, algo falso.

Asmodeu Velho: é interpretado por Emiliano Queiroz. Caracteriza-se por um senhor do semblante cansado, com cabelos desgrenhados e barba rala, seu bigode é desenhado com tinta preta. Com pés tortos e descalços revelando sua imagem demoníaca, suas vestes consistem em chapéu, camisa, terno e calça dobrada negras com uma camisa clara por dentro. Conti (2013) afirma que este Asmodeu representa o cansaço da vida e a falta de esperança.

Asmodeu Poeta: é interpretado por Luiz Damasceno. Seu figurino nos relembra os grandes homens do iluminismo: um chapéu de aba larga preto com plumas brancas, camisa bufante, gola com renda, calções folgados até o joelho com uma meia branca colada à pele.

Conti (2013) afirma que Poeta tem a fala bonita e requintada com a intenção de ganhar a confiança de Maria. Porém, seu discurso é vazio, desconsiderando princípios religiosos.

3.2 Maria: a ingenuidade e a força do bem

A protagonista Maria tem raízes na religião, assim como seu antagonista, esta nasce em forma de menina cheia de fé, representando sua

inocência. Alba (2009) ressalta que mesmo sendo pequena, Maria, por ser a heroína, é dotada de um grande senso de justiça, além de atributos como coragem, respeito, amor, fé, compaixão, piedade etc.

Maria Criança: Maria é retratada em sua infância por Carolina Oliveira. Uma menina morena com duas tranças amarradas com laços vermelhos. É vista sempre utilizando vestidinhos com mangas curtas e rodados, todos simples e de cores claras, representando a poeira e o envelhecimento de suas vestes e contrastando com aplicações de bordados coloridos. Segundo Alba (2009) as características dos vestidos de Maria evocam um aspecto romântico e infantil, que é reforçado o aspecto lúdico e nostálgico da obra. A personagem carrega consigo uma trouxa amarrada num galho seco, que simboliza sua jornada.

Maria Adulta: Maria Adulta é interpretada por Letícia Sabatella. Esta, diferente de Maria Criança, possui um figurino mais variado, que representa bem o estado onde a personagem se encontra na obra. Quando passa pela transição, se encontra em vestes semelhantes às que Maria Criança estava usando: blusa de mangas curtas, bolero e saia godê de cores claras, com o cabelo levemente bagunçado e fitas vermelhas prendendo-o. Assim como quando era criança, esta também anda descalça.

Alba (2009) ressalta que a beleza de Maria é ligada aos conceitos do Bem. Esta, mesmo pobre e sem estudo, apresenta-se de forma elegante, refletindo sua recém-descoberta sexualidade e ao mesmo tempo negando sua nova forma, preservando as características de quando era criança. Nota-se a partir da fase boia-fria de Maria uma presença maior de cores, simbolizando a metamorfose de menina para mulher.

Um dos trajes marcantes dessa fase de Maria é o do baile. O longo vestido, é adornado de flores e os sapatos encarnado. Outro traje que segue este padrão de princesa de conto de fadas é o de seu quase casamento com o Príncipe. Feito inteiramente de papel pela equipe de Jum Nakao, Maria veste um longo vestido plissado acinturado, com manga presunto. Em seus cabelos, uma coroa com estrelas, também de papel. Tem-se então, nesses trajes um contraste entre o figurino e a atitude de Maria. Esta que, ao ser encaixada nos moldes das uma princesa dos contos de fadas, acaba por quebrar com o tradicional, revelando seu caráter corajoso e desafiador.

Na fase em que se junta aos saltimbancos, Maria usa blusas curtas que destacam sua sensualidade, aliadas a tecidos fluidos e elementos como bordados, lantejoulas e flores, que adaptam suas vestes ao papel de colombina, sem deixar de lado o estilo de roupa utilizado previamente por ela.

Segundo Alba (2009), a trouxa de pano transforma-se em mala, representando sua experiência de vida acumulada. Maria já não anda sempre descalça, apresentando ocasionalmente sandálias de couro que remetem ao sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de análise dos figurinos denota que os elementos de representação do bem estão presentes em Maria. Já em seu antagonista Asmodeu nota-se as mesmas influências, focando na representação do mal. Ambos possuem elementos referentes à cultura cristã. Entretanto foi perceptível durante a análise que os opostos muitas vezes revelavam elementos um do outro dentro da construção do figurino e da caracterização.

Pode-se induzir, então, que, a construção representativa do figurino possui elementos que ressaltam o bem e o mal, de forma explícita, mas que insinuam uma convergência em alguns momentos na trama. Portanto não podemos dizer que a construção foi maniqueísta, mas que traz elementos do melodrama folhetinesco Francês.

Na narrativa em si existem passagens, que em sua maioria, é composta por uma construção opositiva, uma negando a outra. O figurino remete a características que nem sempre ressaltam a pureza do bem em Maria e nem sempre destacam a imundície do mal de Asmodeu. Isso é visto em alguns momentos da história como quando Maria rouba dinheiro dos Executivos e Asmodeu afirma que ele também possui “Constança”. É necessário ressaltar que este trabalho analisou somente o figurino e a caracterização dos personagens e não o discurso da obra por inteiro.

REFERÊNCIAS

ALBA, Ivna Fonseca. **Hoje é dia de Maria e a dicotomia entre o bem e o mal**. 2009. 64f. Ensaio [Curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo]. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-ivna-hoje-e-dia-de-maria.pdf>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **O Diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema**. In: Revista Nures. no. 16, set./dez. 2010.

BARROS, Maria Mirtes dos Santos. LIMA, Weeslem Costa de. **A representação da figura do diabo na obra “O cavaleiro, a morte e o diabo” de Albrecht Dürer (1513): análise narrativa e iconográfica**. In: Caderno de Pesquisa. São Luís, v. 18, n. 3, set./dez. 2011.

BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson. **O Patrimônio cultural como elemento da produção mercadológica televisiva**. Em Questão, Brasil, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/revistaemquestao/article/view/3762/3549>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

CONCEIÇÃO, Paula das Graças Teixeira da. **As características de construção de narrativa que tornaram a microssérie Hoje é Dia de Maria (1ª Jornada) um produto inovador da TV Brasileira**. 2006. Belo Horizonte. Dissertação (Bacharelado em Comunicação Social). Uni-BH – Centro Universitário de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://paulateixeira.yolasite.com/resources/TCC%20HOJE%20E%20DIA%20DE%20MARIA.pdf>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

CONTI, Maria Aparecida. **“Hoje é dia de Maria”, da criança e do diabo: construções identitárias**. 2013. 188 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. **Figurino: uma experiência na televisão**. São Paulo: Paz e Terra. 2002. 232 p.

MAFALDO JUNIOR, João Batista. **Hoje é dia de Maria: conexões cenográficas e audiovisuais**. 2012. Dissertação (Pós-graduação em Artes Visuais). Universidade Federal da Paraíba e de Pernambuco - UFPB-UFPE.

ORTIZ, Renato. BORELLI, Sílvia Helena Simões. RAMOS, José Mario Ortiz. **Telenovela - História e Produção**. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e iconologia**: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: Significado nas artes visuais. São Paulo Perspectiva, 1976. p.47-87.

RAMOS, Adriana Vaz. **O figurinista e o designer de aparência de personagens**. In: 2º Colóquio Nacional de Moda. 2006. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/5.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2014.

SALAZAR, Paula. **Processos Criativos na Televisão Brasileira**: a Importância da Proposta de Luiz Fernando Carvalho em suas Microsséries. 2008. 206f. Tese (mestrado em Comunicação Semiótica). PUC-SP.

SILVA, Flávio Luiz Porto e. **Melodrama, folhetim e telenovela**, anotações para um estudo comparativo. In: FACOM, nº 15, São Paulo: 2005. Disponível em:
http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_15/_flavio_porto.pdf.
Acessado em :)4 de agosto de 2014

VIDAL, M. C. B.; MARQUES, J. **O Diabo ou Asmodeu na Microssérie Hoje é Dia de Maria**: primeira e segunda jornadas. In: Congresso Brasileiros de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. São Paulo: Intercom, 2006.

YEN, Miguel; ANDRADE, Paulo Henrique; ROCHA, Rafaela Miranda e GOULART, Stella. **Luz ou Trevas**. In: Eclética, nº 23. Rio de Janeiro: PUC, 2006. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/7%20-%20luz%20ou%20trevas.pdf>. Acessado em 06 de agosto de 2014.